

A ORIENTAÇÃO DA LEITURA NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

por

FRANCISCO ARMANDO FERNANDES

RESUMO

O que se entende por orientação da leitura. Quem orienta quem? A (des)orientação da leitura que impera nalgumas Bibliotecas. Que orientação da leitura ante as novas tecnologias.

ABSTRACT

The reading guidance in Public Libraries.

What to understand by reading guidance. Who guides who? The bewilderment of reading which reigns in some libraries.

What reading guidance, facing new technologies?

INTRODUÇÃO

As Bibliotecas Públicas em Portugal atravessam uma fase de crescente expansão. Por um lado, a rede de leitura pública da Fundação Calouste Gulbenkian continua a trilhar caminhos seguros, alicerçada na experiência; por outro, a rede de leitura pública que o Instituto Português do Livro e da Leitura está a conceber em colaboração com as Autarquias, leva-nos a pensar que dentro em breve as Bibliotecas Públicas sejam encaradas na justa dimensão e entendidas como um dos mais nobres e úteis baluartes da cultura.

Sendo as Bibliotecas Públicas a expressão da cultura escrita, nem por isso elas se podem furtar (não o estão a fazer) a conterem no seu interior instrumentos que de uma forma ou de outra têm ameaçado a cultura escrita. Referimo-nos concretamente à rádio, à televisão e ao cinema.

Assim, não admira que as Bibliotecas Públicas estejam a servir de ponte entre a era Gutenberg e a era de McLuhan. O papel de ponte entre as duas eras não se fez, nem se faz, sem acesa controvérsia. Curiosamente, ou talvez não, fala-se pouco na orientação da leitura. Fala-se no livro, na dinamização de actividades culturais, nos meios audio-visuais; quanto ao problema da orientação da leitura, o silêncio tem sido palavra de ouro. Por não concordar com tal silenciamento, entendi trazer o assunto a este Congresso.

O QUE SE ENTENDE POR ORIENTAÇÃO DA LEITURA

1. Sempre foi do consenso universal que o funcionamento de uma Biblioteca Pública tem por instrumento essencial e indispensável a orientação da leitura ou dos leitores.
2. A orientação da leitura começa por presidir a organização e equipamento técnico das Bibliotecas: é para os leitores serem orientados que os fundos bibliográficos são tratados, são arrumados, ordenados, se rodeiam, enfim, de todo o aparelho técnico, definido e estabelecido.

3. É esta finalidade - orientar os leitores - que explica a maleabilidade desse aparelho técnico e o carácter convencional e alterável que têm as "regras científicas" do aparelho técnico das Bibliotecas.
4. Todavia, o essencial não é esta manutenção técnica da leitura. O essencial é a orientação cultural ou intelectual do leitor. Ora, a orientação intelectual carece de certos condicionalismos prévios. Alguns deles:
 - a) A relação entre o Bibliotecário e o leitor deverá ser análoga à relação entre médico e doente. Isto é: trata-se de uma relação pessoal que se inicia pela receptividade do Bibliotecário aos interesses dos leitores, muitas vezes à sua definição que os leitores ignoram.
 - b) Iniciada a relação, desenvolve-se ela numa espécie de cumplicidade: o Bibliotecário e o Leitor estabelecem entre si um interesse comum e secreto e dão-se mutuamente informações - o Bibliotecário dá informações sobre livros; o Leitor sobre leituras.
 - c) Destas condições resulta:
 - a função do Bibliotecário corresponde a uma vocação especial que nem todos possuem;
 - exige também um interesse pelos livros que, sendo um interesse geral, atende à diversidade de temas e assuntos que, embora sem o Bibliotecário os ler, os livros contêm. O Bibliotecário apresenta-se ao leitor como um aprendiz: o Leitor é que sabe; ele é que lê;
 - o Bibliotecário deverá possuir, não só tanto uma cultura ampla, como uma apetência cultural.
5. A orientação da leitura dispersa-se por tantos domínios quantas as espécies de leitores. Desde logo se podem considerar as seguintes espécies:
 - a) crianças
 - b) adolescentes
 - c) adultos

A orientação da leitura nas crianças não é de considerar por não se tratar propriamente de orientação intelectual, antes de uma aliciação por meios que não são, em rigor, os da leitura: jogos, representações, etc.

A orientação só se dá a partir da adolescência e, aí, de que se começa por tratar é de criar no leitor as imagens das potencialidades e finalidades que a leitura oferece. Imediatamente, deve afastar-se a ideia da utilidade da leitura, seja utilidade para preparações profissionais, seja para habilitações escolares. Orientar os adolescentes é encaminhá-los para o valor do pensamento e da imaginação.

Com os adultos apresentam-se múltiplas diversidades de interesses que o Bibliotecário deve saber determinar até criar com o leitor aquela cumplicidade já referida. E no essencial é isto que entendo por orientação da leitura.

QUEM ORIENTA QUEM?

Como já demonstrei, a orientação da leitura é coisa recíproca. O Bibliotecário aprende com o Leitor, o Leitor escuta e acata a opinião do Bibliotecário. Por esse facto, o Bibliotecário tem a responsabilidade de lembrar os livros de autores de grande merecimento que por variados motivos (muitos deles bem fúteis) não lograram o devido reconhecimento. Lembro alguns: Matias Aires, Bartolomeu dos Mártires, Frei Luís de Sousa, Padre Manuel Bernardes, Latino Coelho e António Patrício. Repito: só lembrei alguns e portugueses.

A moda, à propaganda, o Bibliotecário tem de responder argutamente. O leitor que não escute o Bibliotecário só raramente deixará de ficar imune aos efeitos da moda e da propaganda. Certamente, muitos ainda se lembram dos milhares, das centenas de milhares de livros vendidos por Caril Chessman. E o que ficou deles? Nada.

Com este exemplo penso ter ilustrado de forma exemplar a acção do Bibliotecário. É que, se o Bibliotecário conseguir a cumplicidade do Leitor, as caixas e mesas de exposições com novidades literárias são "invadidas" pelos livros de real valor. Além de que as Bibliotecas não são espaços comerciais; são, isso sim, espaços culturais.

A (DES)ORIENTAÇÃO DA LEITURA QUE IMPERA NALGUMAS BIBLIOTECAS

Porque o termo "orientação da leitura" não logra grandes entusiasmos, as razões são evidentes, nos últimos tempos, as Bibliotecas vivem os faustos da "animação cultural". É uma forma de tornear as dificuldades de se estabelecer uma eficaz orientação da leitura e em muitos casos é uma maneira de se pretender "tapar o sol com a peneira" da relutância à leitura.

Infelizmente, é um facto que a esmagadora maioria das pessoas que frequentam as Bibliotecas o fazem por razões de utilidade. Acresce ainda o problema candente da contínua expansão do iletrismo. A praga antiga atinge de forma imparável a sociedade e os remédios capazes de combaterem o fenómeno estão ainda na fase de experimentação. Porque me parece enquadrado no âmbito desta minha comunicação, permito-me lembrar uma intervenção que efectuei no Palácio Galveias onde abordei o problema do iletrismo e da leitura pública: "É uma elementar evidência do Senhor de La Palisse esta do benefício da Leitura e, embora o seja, muito boa gente prefere ignorar essa evidência. E percebe-se o motivo. Efectivamente, transmitir, incutir ou promover hábitos de leitura dá muito trabalho e pouco lucro".

Além disso, a euforia pela máquina leva pessoas com responsabilidades a cometerem erros graves, e sou levado a acreditar que um ou outro Bibliotecário não se importaria de levar a Biblioteca onde trabalha a transformar-se num enorme armazém de vídeos e computadores. Acrescente-se a este clima, a monção favorável à realização de acções de animação cultural nas Bibliotecas que não passam de grosseiras manipulações onde se visam objectivos de propaganda, resultando daí os inevitáveis focos infecciosos de aversão à leitura.

Fazer da Biblioteca o centro cultural por excelência da Comunidade é obrigação primacial do Bibliotecário de leitura pública; fazer da Biblioteca um espaço noturno onde todo o tipo de actividades é realizado sem o adequado suporte documental, o necessário enquadramento e a posterior indicação de bibliografias ou pistas de leitura, é um flagrante e escandaloso convite à não leitura. Apesar dos maus resultados advindos dessas práticas, continua a existir gente apostada em utilizar as Bibliotecas dessa forma. Enfim, são casos de evidente desanimação cultural.

A animação da leitura é uma coisa séria, muito séria para ser entregue a diletantes ou a (des)animadores que pretendem resultados a curto prazo, ignorando supinamente o facto de em matéria cultural os resultados só surgirem a longo prazo e nunca serem passíveis de conversão em mera operação contabilística de "deve e haver".

Porque é imperioso combater este estado de coisas é porque a leitura é a arma mais eficaz, urge eliminarem-se uns quantos "narizes de cera" muito em voga em diversas Bibliotecas Públicas de forma a que a chamada animação cultural seja a ante-câmara da orientação da leitura, de modo a que os fundos bibliográficos sejam efectivamente lidos, deixando de serem adornos a envelhecerem nas estantes.

QUE ORIENTAÇÃO DA LEITURA ANTE AS NOVAS TECNOLOGIAS

Com as novas tecnologias a cultura escrita viu-se confrontada no seu próprio terreno e muitos temeram o seu declínio. Hoje verifica-se serem tais tecnologias preciosos meios no domínio da organização das Bibliotecas. Tais maquinismos facilitam a aproximação do indivíduo à Biblioteca, o que é de enaltecer.

No entanto, muita gente sucumbe à magia do maquinismo e esquece o essencial: o livro, a leitura. Colocar tais instrumentos ao serviço da leitura deve ser preocupação do Bibliotecário. Já não deve ser preocupação do Bibliotecário fazer das máquinas o "alter-ego" da Biblioteca. As máquinas são fascinantes e muitos são os seduzidos. A sedução transforma-se em vício e alguns Bibliotecários a trabalharem em Bibliotecas Públicas passam horas e horas rendendo litanias a esses deuses. Os resultados são implacáveis: as Bibliotecas perdem leitores e ganham utilizadores.

Na minha modesta opinião, a orientação da leitura pode e deve servir-se dos maquinismos com a finalidade de transmitir sólidos hábitos de leitura às populações. Nessa perspectiva até se podem extrair notáveis benefícios. Segundo Platão, os livros são como "imagens"; pegar nessas "imagens" recorrendo à imagem e ao som a fim de que a verdadeira imagem fique na mente dos leitores a fim de eles poderem imaginar, acaba por ser gratificante e compensador para os Bibliotecários.

Assim eles queiram.